

¡DIVINAS! MODELOS, PODER Y MENTIRAS

Resenha: Patrícia Soley-Beltran. 2015. Barcelona: Editorial Anagrama. 264 pp.

Nuno Santos Carneiro

Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUPP). Email: nunoscarneiro@gmail.com

Já premiado em Espanha (*Prémio Anagrama de Ensayo*), o livro de Soley-Beltran merece realce por várias dimensões nele implicadas e pela forma inovadora, ao mesmo tempo que profundamente comprometida, como nos leva ao que metaforicamente se poderia apelidar de *passerelle dos géneros* e da produção discursivo-cultural que a sustenta. Uma *passerelle* pela qual caminhamos, descobrindo e aprofundando como a construção da moda, dos seus atores e das suas atrizes, mas também dos silêncios neste trabalho denunciados, constitui processos que não se cingem à indústria da moda mas, mais do que isso, produzem e reproduzem assimetrias de género que a todas e todos nos implicam. Entre dilemas, escolhas, dúvidas, incursões teóricas e pessoais numa arena vivenciada pela autora, ela própria com percurso profissional de manequim, *¡Divinas!...* é também exemplar pela relevância que nele

assume um posicionamento crítico: o de consciencializar e assumir esse importante paradoxo epistémico de se construir simultaneamente como sujeito e objeto de análise, “num parêntesis autorreflexivo permanente, sem o luxo de uma sustentação identitária fixa de género, etnia, classe ou nacionalidade” (p. 181).

Assim acontece, de facto, ao longo de toda a obra, edificada pela atenção sistemática - e crucial no campo dos estudos de género - à intersecção de diferentes modos de exclusão, vigentes (também) na moda e na publicidade. Na exploração exímia que o livro faz a respeito do corpo como dispositivo visual e disciplinador, vamos dando conta de como dele fazemos um projeto identitário e experiencial. Traçando uma História, tão incisiva quanto elucidante, da moda e suas figuras-chave, Patrícia Soley-Beltran levanta questões de inegável importância para o entendimento da

contemporaneidade como são a das representações de classe social, a da desejada ascensão ao reconhecimento de nós em molduras culturais espartilhantes, a de investimentos políticos nos ideais de feminilidade e de masculinidade secularmente estabelecidos ou a das persistentes assimetrias de gênero.

Sabendo manter um estilo cativante e rigoroso de apresentação dos argumentos e das reflexões, a obra vai recorrendo também a esta História para que melhor nos sustentemos sobre as já mencionadas intersecções identitárias e sobre os seus alicerces ideológicos, de entre os quais vale a pena realçar o idadismo, o heterossexismo, o nacionalismo, o genderismo ou o racismo/etnocentrismo. Jovens, heterossexuais, representantes de um ideal preciso de nação, desiguais em direitos por razões de gênero e de etnia - pois assim nos querem, pois assim nos dizem, também por mãos das culturas publicitárias e imagéticas da moda, que nos fazemos. Como bem advoga a autora, há na corporeidade uma tentativa estratégica de nos conferirmos “um sentido de controle e

independência nesses momentos difíceis nos quais o contrato social treme e em que parece que só nos temos a nós mesmos” (p. 144); tal assunção dá suporte, neste trabalho, às implicações nocivas que o mesmo recurso pessoal e cultural à corporeidade enceta, quando se percebe que esta “superfície profunda” (p. 103) que é o corpo se constitui simbólica e materialmente como um veículo para a colonização que sobre nós fazem e que sobre nós fazemos. Da idealização dos papéis separatistas a atribuir às mulheres e aos homens até ao *branqueamento* das diferenças culturais e étnicas, passando pela enganosa publicitação de uma diversidade nada diversa, pela hipersexualização e pela moralização normalizadora do que vamos julgando querer autonomamente para nós, eis a panóplia de cruciais problematizações que Soley-Beltran nos convida a elaborar.

Cara a esta autora é também a indagação das matrizes e dos processos por intermédio dos quais se constroem as experiências e a corporalizações trans(gênero/sexuais), tema da sua tese de doutoramento trazido ao

enriquecimento do que nos apresenta neste livro. Enquadrando tais matrizes e processos nas convenções sociais que pautam as identidades de gênero, Patrícia mostra como “a utilização de pessoas transgênero como modelos [da indústria da moda] acarreta um efeito estabilizador que cria um problema nos *genitais culturais* [itálicos adicionados]” (p. 185). Não fosse suficientemente importante por si mesma, esta noção de genitais culturais - ou, de outro modo dito, de edificação social de significados precisos e cristalizantes a respeito das genitalidades - permite que a sustância do trabalho da autora se espelhe exemplarmente nas indagações sempre suscitadas pela representação do gênero e do sexo para lá do imediato e na intersecção com outros modos de nos fazermos.

Na linha das múltiplas contribuições teóricas e epistemológicas que Soley-Beltran convoca para a textura de *¡Divinas!*, as propostas de Judith Butler são integradas também nesta leitura da moda, do poder, das mentiras e dos silêncios que, afinal, nos tornam (diferenciadamente)

vulneráveis; nas palavras de Patrícia, e almejando uma reformulação profundamente crítica do seu objeto-subjetivado de análise, “a indústria da moda só será radical se [...] modificar a suas próprias estruturas e os seus sistemas de produção [...], [porque] é hora de fazer baixar do pedestal os ídolos falsos, de aceitar a precariedade e a vulnerabilidade da nossa existência, a de todas as pessoas, ao mesmo tempo que honramos a nossa força para a solidariedade e para a busca” [pp. 256-257].

De Direitos, pois, se trata aqui. E deles se trata, pelo exposto, de forma localizada, contextual, situada, reflexiva, radical, questionada, processual. Crítica. Como se quer que seja o entendimento dos Direitos.

Cabe ainda dizer que o trabalho aqui resenhado não esquece a forma como moda, publicidade, sujeitos e dinâmicas das interseções analisadas continuam a arreigar-se profundamente na produção capitalista da (falaciosa) ideia do Humano. Sabendo apresentar-nos estas conexões ideológicas entre moda e capitalismo, recorrendo inclusivamente à ideia de modos

monacais de vivência e de representação de si que complementam os intuitos de disciplinar corpos, identidades e subjetividades, Patrícia Soley-Beltran resume brilhantemente tanto do seu trabalho ao dizer-nos que “a cultura do consumo se apresenta como uma anticultura libertadora que rompe com as convenções estabelecidas e desenvolve uma antropologia filosófica do capitalismo segundo a qual um dos traços essenciais da humanidade é o seu desejo de novidades, a recusa do antigo, a ânsia de trespassar limites e, muito importante, a avidez, a acumulação de experiência, de bens, de dinheiro” (p. 239).

Patrícia agradece, em palavras finais, termos acompanhado o seu trabalho. Resta dizer-lhe que é uma honra e um privilégio termos o seu auxílio à consciencialização do que nos remete para o que não possamos querer de nós e para nós.